

O FINAL DA GESTAÇÃO E O PERÍODO DA PREOCUPAÇÃO MATERNA PRIMÁRIA NA ÓTICA MASCULINA¹

THE END OF THE PREGNANCY AND THE PRIMARY MATERNAL CONCERNS IN THE OPTICAL MALE

Márcia Elisa Jager² e Cristiane Bottoli³

RESUMO

O presente artigo visa principalmente a entender como os homens percebem o momento final da gestação e a preocupação materna primária da mulher, procurando identificar suas percepções a respeito disso. A pesquisa desenvolveu-se através de entrevistas com pais que vivenciavam o 8º mês de gestação de suas mulheres. As respostas foram examinadas através da análise de conteúdo. Os resultados indicaram uma tímida percepção dos homens-pais, do momento da preocupação materna primária e certa empatia com suas mulheres, quanto ao estado em que se encontravam. Questões de gênero apresentaram-se de forma significativa, pois os entrevistados ainda se mostraram enraizados em papéis de gêneros mais tradicionais no que tange à paternidade. A dificuldade de exporem seus sentimentos e a necessidade de se colocarem em um lugar de apoio e suporte às suas companheiras gestantes, em detrimento de seus próprios sentimentos, foi muito forte. Esses dados apontam para a necessidade de disponibilizar um espaço mais efetivo de escuta para os homens-pais e desenvolver formas de intervenção para que possam falar sobre esse momento, segundo sua perspectiva, tendo como consequência uma melhor qualidade nas relações intrafamiliares e no desenvolvimento da parentalidade.

Palavras-chave: paternidade, relação, gestante.

ABSTRACT

The present study aims to understand how men notice the end of the pregnancy and the primary maternal concerns, trying to identify perceptions about that. The

¹Trabalho Final de Graduação - TFG.

²Acadêmico do curso de Psicologia - UNIFRA.

³Orientadora - UNIFRA.

research was developed through interviews with parents that experienced the 8th month of their women's pregnancy. Their answers were examined through the analyse of their content. The results indicated a little perception of men-fathers in this moment and a certain empathy with their wives in relation to this situation. Gender questions appeared in a meaningful way, in which the interviewed people still presented themselves linked to the most traditional gender functions about fatherhood. The difficulty for them to expose their feelings and the need to put themselves in a position to give their pregnant partner support, in detriment of their own feelings was stronger. These data points to the need of enable a space more effective of listening to men- fathers and develop intervention techniques allowing the fathers to talk about this moment, according to their perspectives, consequently they can reach a better quality in the interfamiliar relations and in the fatherhood development.

Keyword: *fatherhood, relations, pregnancy.*

INTRODUÇÃO

A paternidade é um momento que traz aos homens que a vivenciam um contexto diferenciado, em especial quanto à maneira de senti-la, percebê-la. O fato de se tornar pai e a maneira como isso acontece está, de forma peculiar, imbricado no processo da maternidade, ou seja, depende da forma como a gestação/maternidade é sentida e percebida pela mulher.

Maternidade e paternidade são vividas de maneiras diferentes. A mulher, durante e depois de seu período gestacional, tem seus sentimentos mais intensificados. Ela passa por um período, denominado pelo psicanalista clássico Winnicott (2000), como *preocupação materna primária*. Este ocorre durante a gravidez, intensifica-se ao seu final, tendo continuidade por algumas semanas após o nascimento do bebê. Neste período, a mulher se mostra mais retraída, acentua-se certo estado de perturbação emocional, já que é necessário um alto grau de adaptação às necessidades individuais da criança. É o momento em que a sensibilidade da mãe alcança um nível exacerbado, suas emoções e sentimentos ficam mais vulneráveis a qualquer acontecimento. Na relação delicada da mãe com seu filho em que sua atenção e emoção estão inteiramente implicadas, existe um terceiro componente, muitas vezes deixado de lado, o pai. Após o nascimento, a atenção e sensibilidade dirigidas ao filho, são aumentadas. Isso oportuniza ao homem, o pai, que na maioria das vezes, é telespectador dessa situação, a possível percepção de que fica de lado.

Em virtude da delicadeza vivenciada neste período tanto para a mulher que passa a ser mãe, quanto para o homem, que se torna pai, é que este trabalho focalizou-se na percepção que o homem tem deste momento peculiar da mulher, ao final da gestação. Embora o homem não vivencie a gestação com a mesma intensidade física e psíquica que a mulher, ele também passa por uma experiência nova.

Buscou-se entender, em especial, como os homens percebem este momento final da gravidez das mulheres (preocupação materna primária), no oitavo mês de gestação. Da mesma forma, o trabalho interessou-se por observar os fatores existentes no final de gravidez e perceber impactos desse momento no relacionamento do casal.

O presente estudo mostrou-se importante por procurar perceber como os companheiros entendem este momento da mulher e como proferem seus sentimentos. A partir dos dados levantados na pesquisa, foi possível pensar em formas para minimizar os sofrimentos causados aos homens-pais neste momento, em que o filho, independentemente do sexo, assume o lugar de “ator principal”.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

PREOCUPAÇÃO MATERNA PRIMÁRIA

No presente estudo, o foco é o homem-pai e seus sentimentos atrelados ao momento final da gestação de suas mulheres. Apesar disso, inicialmente, faz-se necessário considerar a preocupação materna primária, que está ligada à mãe.

Durante o período de gestação e puerpério, acontece um estado característico, chamado de preocupação materna primária. Período este considerado a etapa inicial do relacionamento mãe-bebê. Caracteriza-se como um estado psicológico muito especial da mãe, em que:

Gradualmente esse estado passa a ser o de uma sensibilidade exacerbada durante e principalmente ao final da gravidez. Sua duração é de algumas semanas após o nascimento do bebê. Dificilmente as mães recordam depois que ultrapassaram. Eu daria um passo a mais e diria que a memória das mães a esse respeito tende a ser reprimida (WINNICOTT, 2000, p. 401).

O funcionamento da mãe, neste período, é complexo. Não há forma de compreendê-lo sem considerar que a mãe passará por este *estado de sensibilidade aumentada* e depois irá recuperar-se. Trata-se de um adoecimento saudável, já que é necessário que aconteça. No entanto, a mulher precisa ter saúde suficiente para adaptar-se às mudanças, às necessidades do bebê, já nos primeiros momentos. Se ela não consegue recuperar-se deste estado de preocupação materna primária, no momento em que seu bebê a libera, poderá desenvolver uma psicopatologia.

Felice (2000) reforça que, neste período, há uma identificação com o bebê, causada por uma regressão adaptativa. Esta faz parte de alterações nas funções egoicas ocorridas neste momento e envolve a evocação de antigas memórias, percepções e sensações, o enfraquecimento das defesas e o aumento das sensações cinestésicas. O bebê, em seu estado inicial, depende da mãe para tudo e provoca nela sentimentos de desorientação, desamparo e impotência. Isso leva a puérpera buscar um objeto bom e protetor para servi-lhe de guia, para orientá-la e acalmar suas angústias, sendo este, muitas vezes, o marido-pai.

Para a mãe conseguir desempenhar um papel positivo no início da vida do bebê, precisa receber apoio externo, papel este, habitualmente, desempenhado pelo marido. Ele a protege da realidade exterior e também fornece a ela subsídios para proteger seu filho de fenômenos externos inesperados, aos quais o bebê reagiria (WINNICOTT, 2000).

Para Felice (2000), o ambiente assume as funções de evitar a ativação e intensificação das angústias da puérpera. O papel do marido e da mãe, como fontes de apoio, é de extrema importância para a mulher. Tudo indica que, quando o relacionamento afetivo com o marido ocorre de forma satisfatória, o apoio oferecido a sua mulher, no período da gravidez e puerpério, também o é. Porém, no período em que a mulher se encontra no estado de preocupação materna primária, estando muito sensível e quase exclusivamente voltada para atender às necessidades da criança, a probabilidade de que surjam conflitos no relacionamento conjugal é acentuada, fator de aumento da ansiedade para a mulher.

PATERNIDADE

Considerando-se a gravidez, o puerpério e os aspectos que envolvem esses processos, a paternidade se configura como um espaço pequeno de

investigação. Conforme Maldonado (2002), os trabalhos iniciais sobre aspectos psicológicos do ciclo grávido-puerperal concentravam-se quase que unicamente nas modificações da mulher, pouco se preocupavam com a paternidade como transição e para a influência de outros fatores (cônjuges, outros familiares, contexto assistencial, cultural), nas maneiras de vivenciar a gravidez.

Atualmente, sabe-se que a experiência do período da gestação também é intensa para muitos homens. Na literatura, encontra-se a chamada “Síndrome de Couvade”, compreendida como a ansiedade que abarca todo esse processo, encontrando uma expressão somática, associada aos fatores emocionais inerentes neste período, como por exemplo, o pai identificar-se com a esposa grávida ou, até mesmo, a ambivalência em relação à paternidade e ao processo de adaptação a essa nova situação. Tais aspectos podem revelar sentimentos de exclusão, de pouco espaço para expressar angústias e expectativas. A gestação pode ocasionar o desenvolvimento de diferentes fantasias nos homens, como o receio de que o bebê traga algum tipo de desestabilização ao casamento, já que muitos apontam haver uma diminuição da satisfação conjugal com a diminuição da vida social e sexual do casal (BORNHOLDT et al., 2007).

Conforme pesquisas sobre o papel do pai na família, percebe-se que há o enfoque de aspectos funcionais, sendo que, no que diz respeito às percepções e sentimentos paternos, há poucas publicações. Em grande parte dos estudos, o foco das pesquisas está sobre o grupo social mais amplo e/ou familiar, e não especificamente na paternidade. Na literatura e publicações de artigos, em geral, o tema focado é a maternidade e a relação da díade mãe-bebê, com suas características, perturbações, distorções e peculiaridades. Assim, a paternidade de certa forma, é deixada de lado para dar espaço a este monopólio “mãe” que parece liderar completamente a criação dos filhos (RAMIRES, 1997).

Contudo, Winnicott, 1945, apud Polity et al., 2004, se refere ao pai como o terceiro componente que completa a vida do bebê na família. Para o autor, no momento em que o pai entra na vida da criança, imediatamente começa a assumir sentimentos que a criança já alimentava em relação à mãe. Já as mães esperam um determinado comportamento de seus maridos, no cuidado dispensado por eles aos filhos e no apoio a elas.

Destaca-se assim a extrema importância de o pai estar presente em casa, tanto para ajudar a mãe a sentir-se bem com seu corpo, feliz em seu espírito e zelando pelo seu bem-estar, quanto para dar-lhe apoio moral. O pai precisa ser uma escora para a autoridade da mãe. Ele então assume o papel de alguém que sustenta a lei e a ordem que ela implanta na vida da criança.

A gravidez do primeiro filho é estudada, intensamente, por vários pesquisadores. A partir de tais pesquisas, evidencia-se e reitera-se a importância insubstituível da mãe neste processo. Entretanto, para o pai, suas vivências, durante o mesmo período evolutivo vital, estão “periféricas”, menos valorizadas se comparadas as da mãe, em momento especial para ambos.

Nota-se então que existe uma demanda paterna menor do que a materna, neste período. A gravidez, no entanto, também acarreta ao pai uma gama de processos psicológicos que influenciam, desde sua relação conjugal até o vínculo que este estabelecerá com seu filho (BORNHOLDT; WAGNER, 2005).

Com o nascimento do primogênito, transformações e adaptações da vida conjugal tornam-se indispensáveis. Deve haver uma preparação tanto da mãe quanto do pai para assumir novos papéis, estabelecer novas relações que tocam a subjetividade de cada um dos cônjuges. De certa forma, a gestação e o nascimento de um filho são compreendidos como uma crise esperada, pois este é caracterizado como um momento de mudanças intrínsecas e inevitáveis ao relacionamento conjugal (DESSEN, 1994). A entrada de um novo membro exige flexibilidade, reestruturação, busca do reequilíbrio no sistema familiar.

Conforme Houzel (2004), desde os anos 80, os papéis parentais estão reagrupados sob a designação de parentalidade. Tal conceito poderia ser compreendido como algo que vai além do ter filhos, de ser genitor e ser designado como pai. Ou seja, para atingir a parentalidade, é preciso “*tornar-se pais*”. Isso se faz através de um processo complexo, que implica níveis conscientes e inconscientes de funcionamento mental.

O autor desenvolveu um estudo sobre a parentalidade através de grupos de pesquisa, a partir do qual, foram destacados três eixos, em torno dos quais seria articulado um conjunto de funções adquiridas pelos pais. A experiência da parentalidade subjetiva, consciente e inconsciente do fato de vir a ser pai, do preenchimento de papéis parentais, é um desses eixos. Porém, esse processo de parentificação, também é estudado na sua profundidade no que tange às questões da maternidade, deixando a desejar nos aspectos relacionados à paternidade.

Dessa maneira, o tornar-se pai transcende o ato de procriar. Implica-se, de forma significativa, no processo da paternidade e nas especificidades nele envolvidas. A esse respeito, questiona-se: o que estaria faltando para que essa implicação se torne mais efetiva? O que se passa no psiquismo do homem, enquanto sua mulher encontra-se no período gestacional e puerperal, com diversos comportamentos muitas vezes inexplicáveis para eles?

METODOLOGIA

No presente estudo, utilizou-se a abordagem qualitativa. Para Bauer e Gatell (2002), a pesquisa qualitativa evita, ao máximo, números e ocupa-se, quase especificamente, de interpretações de realidades sociais.

A amostra foi definida por conveniência. Conforme Gil (2007), para definir este tipo de amostra, o pesquisador elege como participantes de seu estudo sujeitos aos quais ele tem acesso, por aceitar que estes possam, de alguma maneira, representar a população. Os critérios de seleção dos participantes foram: quatro homens, companheiros de mulheres primíparas cuja gestação não apresentou nenhum problema, de classe socioeconômica média baixa, casados ou com união estável e pais, pela primeira vez, de crianças de ambos os sexos. Três entrevistados residiam em Agudo, RS e um, em Santa Maria, RS, considerando-se a disponibilidade no momento de definir amostra (Tabela 1). O período das entrevistas foi da 32^o à 35^o semana (oitavo mês de gestação).

A pesquisa amparou-se em princípios éticos preconizados pela Resolução nº. 196/96. O projeto foi aprovado pela Comissão de Ética do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria, RS, sob o nº. 340/05. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tendo permanecido uma cópia para a Comissão de Ética e outra para a pesquisadora. A identidade dos participantes foi preservada através da utilização de nomes fictícios para a identificação dos sujeitos.

Tabela 1 - Idade e período de gestação das participantes.

Participantes	Idade	Semanas de gestação das mulheres – entrevista
Júnior	31 anos	34 ^o semana de gestação
Fernando	35 anos	32 ^o semana de gestação
César	37 anos	33 ^o semana de gestação
Eduardo	20 anos	33 ^o semana de gestação

Conforme Gil (2007), a entrevista é uma técnica cujo investigador apresenta aos sujeitos de sua pesquisa perguntas com o objetivo de obter dados significativos ao seu estudo. Para a coleta de dados, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, seguindo um roteiro básico de perguntas.

Após realização das primeiras entrevistas, percebeu-se que seus conteúdos eram repetitivos. Por essa razão adotou-se o critério de saturação. Fontanella et al. (2008) recorda que tal critério é muito comum em pesquisas qualitativas e sua utilização fecha a amostra de estudo, interrompe a captação

de novos componentes. A saturação suspende a inclusão de novos participantes, quando os dados obtidos passam a representar, na avaliação e perspectiva do pesquisador, certa redundância ou repetição das informações, não havendo relevância em continuar com a coleta de dados.

Bardin (1977) apresenta a análise de conteúdo como um conjunto de instrumentos metodológicos, cada vez mais perspicazes, em inabalável aprimoramento, que se aplica a conteúdos diferenciados, que oscilam entre o vigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade.

Assim, a partir da leitura, interpretação dos dados e análise do conhecimento produzido, surgiram as categorias de análise, alcançadas com base na análise de conteúdo: a preocupação materna primária percebida pelos homens-pais; como os maridos lidam com essas mudanças; mudanças no relacionamento do casal na gestação, sob a perspectiva masculina; e como os maridos lidam com essas mudanças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A PREOCUPAÇÃO MATERNA PRIMÁRIA PERCEBIDA PELOS HOMENS-PAIS

Quatro pais participantes deste estudo apresentaram respostas semelhantes, a respeito das mudanças de comportamento percebidas em suas mulheres durante e ao final da gestação. Destacaram-se como fatores perceptíveis deste momento: o aumento da irritabilidade, a sensibilidade, o nervosismo, a introspecção e a atenção à barriga.

“Ah ela... [...] como eu vou te explicar... [...] ela, às vezes, se irrita mais fácil, fica pouquinho mais nervosa... Essas coisas assim...” (Júnior)

“Ficou mais agitada... mais nervosa... com coisas que antes ela não ficava e agora fica... [...] Ah... é só ela se incomodar um pouquinho que já fica bem nervosa, às vezes, ela complica comigo por nada, até de eu estar sentado... acho que também o calor está ajudando para ela ficar assim mais agitada... às vezes, ela diz para mim que ela está chata, mas não é chata... é agitada mesmo... e eu entendo isso...” (Fernando)

Segundo Felice (2000), as mulheres em estado da preocupação materna primária, mergulham em um estado psicológico especial, no qual ficam sensíveis às experiências emocionais, tornando-se capazes de captar as necessidades do bebê, o que corrobora com a ideia de Winnicott (2000), já citada anteriormente.

Em Winnicott (2000), o estado de preocupação materna primária caracteriza-se como um estado psicológico, especial da mãe, no qual a sensibilidade se acentua durante, e, principalmente, ao final da gravidez. O funcionamento da mãe neste período é complexo. Não é possível compreendê-lo sem considerar a necessidade deste estado de sensibilidade aumentada, pelo qual a mãe deve passar e depois recuperar-se. Por causa da complexidade do momento, o autor o conceitua como uma “doença” necessária, pois, a mulher precisa ter saúde suficiente para desenvolver esta capacidade de adaptação sensível e delicada às necessidades do bebê já nos primeiros momentos.

Percebeu-se também, nas falas dos pais, a busca de explicações para essas alterações de comportamento das mulheres, percebidas pelos homens, embora ainda demonstrem dificuldades em falar no assunto. Os pais não possuem conhecimento científico sobre o estado da preocupação materna primária apresentada pelo autor clássico Winnicott (2000), na elaboração de sua teoria psicanalítica. Entretanto, em suas falas, ao destacar “sintomas” deste estado, demonstraram interesse em entender a alteração comportamental de suas mulheres. Além disso, eles perceberam que tais alterações fazem parte do processo gestacional de suas mulheres, sendo que a irritabilidade pareceu ser a mudança mais incômoda aos homens-pais.

COMO OS MARIDOS LIDAM COM ESSAS MUDANÇAS

A ideia de que o período gestacional da companheira exige do pai uma série de adaptações é reforçada por Piccinini et al. (2004), que retoma a necessidade de o pai se preparar para assumir novos papéis que deverão ser postos em prática na sua relação com o bebê e com sua nova família.

Conforme Freitas et al. (2007), a gravidez ocasiona expectativas, anseios e temores tanto nas mães como pais. Assim, para os homens-pais, misturam-se medo e percepção da responsabilidade sobre o bebê que está no ventre da companheira. Alterações no comportamento dela, eventualmente sem motivos aparentes, causam desconforto. Deflagra-se uma fase conflituosa para o pai.

Neste aspecto, três pais entrevistados pareceram capazes de entender a irritabilidade, buscando a resolução dos problemas na comunicação entre o casal.

“Às vezes, eu me irrito, porque ela se irrita com coisinhas sem fundamento ne, mas acontece, daí ela fica nervosa, e eu também... Daí eu volto, a gente conversa, e fica tudo numa boa...” (Júnior)

“Eu tento ser bem atencioso, tento conversar, acho que isso é normal, coisa da gravidez mesmo ela te se sentindo assim... e eu tento ajudar do jeito que eu posso que é conversando...” (Fernando)

Bornholdt et al. (2007), em seu estudo sobre a vivência da gravidez do primeiro filho, à luz da perspectiva paterna, encontrou a noção de que os pais descobrem maneiras de participar do processo gestacional de suas companheiras, por exemplo, protegendo a mãe-esposa durante o momento gestacional. Seu envolvimento neste processo, através do suporte dado, do atendimento às necessidades da esposa, em detrimento de suas próprias dúvidas, necessidades e temores, foi considerado pelo autor um exemplo da busca de participação no processo gestacional. Constatou-se que os pais vivenciam a gravidez da esposa sendo contínuos e afetivos com ela.

Do mesmo modo, no estudo sobre a transição para a paternidade e a interação pai-bebê, de Krob (1999, apud Piccinini et al., 2004), a maioria dos participantes destacam a sensibilidade para perceber as mudanças emocionais em sua esposa durante a gravidez, como comportamentos adaptados a esta nova situação. Para a autora, os pais mais conectados emocionalmente à gestação, estariam mais predispostos a reagir adequadamente às necessidades de apoio e compreensão de suas esposas. A exemplo disso, utilizou-se o seguinte relato:

“Ah, para mim tá sendo legal porque eu to mudando também [...]. Então... eu acho que, com a mudança de comportamento dela, eu fiquei mais calmo. [...] e eu tô começando a aprender que se agora ela tem razão, e eu preciso mudar alguma coisa eu faço ou deixo ela falando e vou fazer minhas coisas. Não brigo mais. Deixo... e também para não irritá-la... deixo as coisas porque sei se for falar ela vai se irritar e vai começar a brigar e daí... então eu tento ter um controle, porque ela não tem controle, e é isso... por causa dela eu estou mudando, acho que ela não está mudando muito, quem está mudando sou eu... (risos)” (César).

MUDANÇAS NO RELACIONAMENTO DO CASAL NA GESTAÇÃO, SOB A PERSPECTIVA MASCULINA

Sob perspectivas e argumentos diferentes, todos os pais mencionaram a diminuição na vida social e sexual, devido à gestação de suas mulheres.

“Ah, no dia a dia não mudou quase nada, praticamente nada, a não ser ela estar mais irritada né, agora, sexualmente, vamos dizer assim, [...] mudou um pouco, diminuiu, mas isso também é por causa da gravidez né... [...] O que

aconteceu foi que a gente ficou mais apegado um ao outro, ela demonstra que precisa mais de mim, eu tô sempre ali, prestativo a ela né... Mas acho que foi só isso, no conviver assim, não mudou quase nada...” (Júnior)

Esse relato reforça questões associadas à união e ao fortalecimento do vínculo conjugal. Bornholdt et al. (2007) postula que o nascimento de um filho contribui para a aproximação afetiva do casal. Na fala de Junior também evidenciou-se a diminuição da atividade sexual.

Segundo Bornholdt et al. (2007), dentre os fatores frequentemente presentes no período gestacional estão o estresse, a ansiedade e certa diminuição da satisfação com a vida do casal. Porém, tais fatores nem sempre são abordados pelos pais, talvez, devido ao medo do impacto que essa explicitação possa ocasionar nas companheiras, e até mesmo, por recearem piorar o relacionamento em decorrência de reclamações desse tipo. Por isso, utilizam a questão biológica da gravidez para se conformar. Além disso, parece que não se permitiram pensar de forma negativa a esse respeito,

“A gente saía bastante, mas agora tivemos que dar uma diminuída... [...] e ela não pode estar saindo assim também né... porque ela tá grávida e precisa se cuidar mais. Então, ela até que sai mais porque vai no pai dela, dá umas passeadas assim sozinha sabe... mas que diminuiu, isso sim... (risos). [...]” (Eduardo)

“Ah, isso acontece né... eu já encaro isso aí, essas diminuições como normalidade... Diminuímos bastante as saídas por causa da gravidez [...]. E também por causa do dinheiro né... comprar as coisas do nenê e tudo...” (Fernando)

COMO OS MARIDOS LIDAM COM ESSAS MUDANÇAS

Os maridos se mostraram empáticos com suas mulheres, a fim de entender os motivos pelos quais suas vidas e seu relacionamento estão sofrendo mudanças. A forma de enfrentar as mudanças na sexualidade do casal percorre o caminho do entendimento da situação especial em que suas mulheres estão. Conforme as falas a seguir:

“Ah, ela às vezes está com dores né, [...], sente muito pesada a barriga, a gente até... Bom, eu entendo né, claro, tem que entender, eu sei que não é aquela coisa assim né, não tem outro motivo, tudo bem, normal... Eu lido com isso normal, aceito na boa. Sem maiores problemas, porque eu entendo né, ela está grávida, e é a mesma coisa se eu estivesse doente né, ela também entenderia...” (Júnior)

“E a diminuição da vida sexual não me incomodou porque eu olho pra ela e ela tá lá sofrendo com aquele barrigão, mal consegue respira... [...] daí eu

arrumo uma coisa para fazer, eu olho um seriado, eu faço alguma coisa... sabe, a gente tem uma vida sexual ativa [...]. Mas também quando ela não quer, não tem problema...” (César)

Na fala de três pais destacou-se o fato de se sentirem “usados” pelas suas mulheres, durante este período em que elas estão mais limitadas em suas funções. Essa percepção deu-se através de questionamentos a respeito das mudanças no dia a dia e nos cuidados maiores destinados às suas mulheres.

“Eu acho bom, porque antes ela precisar de mim do que precisar da mãe dela. Eu estou aí pra ajudar né? Afinal, nosso filho, nosso filhinho. Às vezes eu me sinto, meio sufocado, empregado, aprisionado ali, mas nada que não vá passar, no mais tudo bem, no mais tranquilo...” (Júnior)

“Ah, por um lado assim é chato sabe... ficar meio de empregado, para cima e para baixo, eu que faço as comidas e às vezes ela que fica dormindo até meio dia e não da né, porque o nenê precisa se alimentar né... tem que ficar para cima e para baixo...” (Eduardo)

Com relação à diminuição no ritmo de saídas e da vida social, dois pais compreendem como algo necessário, em função da necessidade de economizar para garantir melhores condições ao bebê que virá, conforme o relato de um dos pais:

“E estamos deixando de sair também por causa do dinheiro... A gente estava saindo demais e gastava bastante. Então, a gente decidiu parar. A gente teve que compra um monte de coisa: berço, roupinhas, fraldas... e assim vai né... e depois que nasce piora... a gente tem que guardar um dinheirinho... [...] então pegamos esse dinheiro e gastamos em outra coisa para o nenê... não dá mais para fica saindo para zoar por aí...” (Eduardo)

Quanto ao fato de se sentirem usados, pode-se compreender que as funções de gênero, estabelecidas socialmente, levam os pais a não se enquadrar na realização das funções femininas, como preparar a comida, cuidar da casa, fazer companhia às mulheres, por não serem funções de homem. Conforme foi mencionado por Júnior e Eduardo.

Apesar de os papéis de gênero, masculino e feminino, já terem sofrido transformações, ainda existem aspectos enraizados. Além do avanço das funções características de cada gênero, a questão base, de os homens serem os provedores e as mulheres as cuidadoras da casa e dos filhos, ainda é muito forte. E para reforçar ainda mais tal ideia, é comum ver condutas de homens e mulheres que reiteram essa dicotomia entre os gêneros (BORNHOLDT et al., 2007).

Um exemplo vívido deste processo, que confirma a tarefa ainda creditada principalmente ao homem, é que muitos pais destacam a necessidade de serem os provedores financeiros principais no núcleo familiar, sendo que essa ideia é intensamente reforçada com o nascimento dos filhos. Dessa maneira, a atenção ao seu trabalho maximiza-se, pois os pais procuram oferecer maior estabilidade e segurança à família, conforme o autor citado anteriormente.

A partir dessa ótica, Diehl (2002) trata do papel masculino e enfatiza que os pais contemporâneos estão em uma posição complexa. Encontram-se no meio de uma corda bamba. De um lado se tem a exigência de um desempenho paterno mais tradicional, ainda com raízes fortes no ambiente intrafamiliar e social. Do outro, uma experiência recente, moderna, que se enquadra no âmbito do pai presente, mais envolvido e menos periférico na relação dual com seus filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o final da gestação, no período da preocupação materna primária, percebeu-se que os homens-pais se mostraram aptos a associar os comportamentos característicos deste momento, às suas companheiras gestantes. Em contrapartida, pode-se perceber certo incômodo ao falar nesse assunto, já que, de certa forma, tais comportamentos causam sofrimento, conforme relatos, nos quais os pais se retraíram em relação às reclamações acerca disso. Isso parece acontecer devido ao receio de, que, com suas reclamações, causarem algum prejuízo às suas companheiras, o que pode então dificultar ainda mais a situação.

Também se notou que existe algo ligado ao papel masculino, em que os homens, no período gestacional de suas mulheres, precisam ser continentos e entender a situação, gostando ou não dela. Isso possibilita reconhecer que as mulheres, as quais vivem, direta e intensamente, o estado da preocupação materna primária, impactam os homens-pais indiretamente, e eles sofrem “respingos” deste momento conflituoso de suas mulheres, trazendo, como consequência, certo sofrimento.

Apesar do aparente incômodo provocado pelas alterações comportamentais, destacou-se a busca pelo diálogo entre o casal como a melhor opção na resolução de conflitos decorrentes deste momento conturbado para ambos. A partir disto também, pode-se pensar no papel que o homem assume neste momento, de ser quem precisa dar o braço a torcer, mesmo quando suas companheiras encontram-se alteradas, sendo importante que eles não permitiram que elas se “incomodem”, já que esse incômodo pode prejudicar o bebê. Ficou claro que eles abrem mão de seus sentimentos em prol do bem-estar da mulher e,

consequentemente, do filho que está por chegar, o que é uma grande preocupação neste momento.

Os homens-pais entrevistados evidenciaram a diminuição do ritmo da vida social e sexual como principais mudanças no relacionamento entre eles, durante a gestação. O aspecto físico (tamanho da barriga) apareceu como principal causador da diminuição sexual e a questão financeira como principal causador da diminuição social. No tocante à diminuição da vida sexual, os pais se mostraram empáticos com suas companheiras, revelando que uma gravidez é difícil.

Quanto à diminuição da vida social, foi atribuída pelos pais entrevistados, à questão financeira. Nessa perspectiva, percebeu-se o papel “tradicional” que os participantes da pesquisa assumem: o homem como principal provedor familiar e a mulher alguém que cuida dos filhos. A questão de gênero também se destacou nos relatos dos homens-pais a respeito de sentirem-se “usados” por suas mulheres, quando precisaram assumir algumas atividades diárias e domésticas, por causa das limitações físicas de suas companheiras, no final da gestação. Isso reforçou a noção já introjetada de que, quem realiza tarefas domésticas são as mulheres e, quando esse papel, mesmo que parcialmente, destina-se a eles, aparece como um incômodo.

Com este trabalho buscou-se estudar como os pais se sentem no momento em que a mulher é o foco, não só das pessoas que as rodeiam diariamente, como também da maioria dos estudiosos no assunto. Compreende-se que um estudo das mudanças e de outras implicações psíquicas e comportamentais das mulheres é de extrema importância, porém os sentimentos dos homens neste processo parece subestimado. Isso porque os homens-pais aparecem somente no sentido funcional do processo, como responsáveis pelo apoio, como suporte e ajuda à mulher, o que, com certeza, também é um papel importante que devem assumir, pois sem este, a preocupação materna primária, conforme Winnicott, talvez não acontecesse. Verifica-se, porém, que o que falta são estudos acerca dos sentimentos que eles têm, suas angústias e outras implicações que o processo gestacional, bem como o que os comportamentos que caracterizam o estado da preocupação materna primária acarreta neles.

Será que os homens-pais não sentem angústias, não sofrem e por isso que não existem estudos neste âmbito? Por que os próprios pesquisadores parecem também se encontrar colados nesse discurso generalista, em que os homens não sofrem, ou até sofrem, mas precisam superar angústias para apoiar suas mulheres, pois estas sim mostram-se frágeis e necessitadas de cuidados?

Portanto, a Psicologia entra neste campo, como possibilidade de intervenção, para proporcionar um espaço para essa escuta. Trata-se de um trabalho árduo e de longo prazo. Conforme relatos em alguns estudos sobre clínica pré-natais, os pais não participam de forma ativa desse processo e tendem a não se envolver em “coisas de mulheres”, os preparativos para o parto. Mas, somente assim será possível desenvolver formas de intervenção, no sentido de trabalhar com as demandas que aparecerem como consequência de possíveis angústias e sofrimento, que poderão vir à tona neste processo.

REFERÊNCIAS

- BAUER, M. W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BARDIN, L; **Análise de conteúdo**. Edições 70, 1977.
- BORNHOLDT, E. A; WAGNER, A; STAUDT, A. C. P. **A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna**. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, 2007.
- BORNHOLDT, E; WAGNER, A. A gravidez à luz da perspectiva paterna: aspectos relativos a transgeracionalidade. In: WAGNER, A. **Como se perpetua a família?: A transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- DESSEN, M. A. **Interações e relações no contexto familiar: questões teóricas e metodológicas**. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, v.12, 1994.
- DIEHL, A. O homem e a nova mulher: novos padrões sexuais de conjugalidade. In: WAGNER, A. (Org.). **Família em cena: tramas, dramas e transformações**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- FELICE, E. M. **A Psicodinâmica do Puerpério**. São Paulo: Vetor, 2000.
- FONTANELLA, B. J. B; RICAS, J; TURATO, E. R. **Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas**. *Caderno de Saúde Pública*. n 24. Rio de Janeiro: Janeiro 2008.
- FREITAS, W. M. F; COELHO, E. A. C; SILVA, A. T. M. C. **Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero**. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, jan. 2007.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HOUZEL, D. As implicações da parentalidade. In: SOLIS-PONTOM, L. (Org.). **Ser pai, ser mãe. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio**. São Paulo. Casa do psicólogo, 2004.

MALDONADO. M. T. **Psicologia da gravidez: parto e puerpério**. 16 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

PICCININI, C. A. et al. **O envolvimento paterno durante a gestação**. Porto Alegre, *Psicol. Reflex.Crit.*, v. 17, n. 3, 2004.

POLITY, E; SETTON, M. Z; COLOMBO, S. F. **Ainda existe a cadeira do papai? : Conversando sobre o lugar do pai na atualidade**. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2004.

RAMIRES V. R. R; **O exercício da paternidade hoje**. Rio de Janeiro. Record: Rosa dos Tempos, 1997.

WINNICOTT, D. **Da Pediatria à Psicanálise: Obras escolhidas**. Rio de Janeiro, 2000.